



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

NOVOS COTIDIANOS E REPRESENTAÇÕES DE UM SERTÃO A PARTIR DAS FAMÍLIAS DE VEREDA DOS CAIS (CAETITÉ / BAHIA)

Renata Lourenço dos Santos*
(UESB)

Marília Flores Seixas de Oliveira**
(UESB)

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre novas representações do sertão, difundidas pelos boletins “O Candeeiro” (edição do Programa Uma Terra e Duas Águas/ASA) que foram publicados sobre famílias de Veredas dos Cais (Caetité/BA) entre os anos de 2010 e 2014, confrontando-as com imagens clássicas sobre o sertão. Tais famílias são partícipes de um projeto social de difusão de tecnologias mais adequadas à convivência com o semiárido, que priorizam a captação e reserva hídrica como eixo de novos padrões de permanência das pessoas em seu lugar. Apesar de uma construção imagética que associa o sertão a uma série de dificuldades históricas, sociais e ambientais (seca, fome, miséria, coronelismo etc.), percebe-se a expressão de uma autoimagem positiva pelas famílias sertanejas que são tematizadas em cada um destes boletins, e que demonstram, em seus depoimentos sobre suas vidas, o surgimento de novas representações, cujos desenhos expressam produtividade, autonomia e superação de uma série de problemas político-ambientais classicamente associados à vida sertaneja.

PALAVRAS-CHAVE: sertão, representação, transformação.

*Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGLCEL/UESB), Pesquisadora do Grupo de Pesquisa CASLIDS (UESB); Graduada em Jornalismo e Comunicação pela UESB. Email: relou.santos@gmail.com

**Doutora em Desenvolvimento Sustentável pela Universidade de Brasília (UnB); Professora Titular do DFCH / UESB; professora do Programa de Pós-Graduação em Letras: Cultura, Educação e Linguagens (PPGLCEL/UESB) e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais (PPGCA/UESB), Coordenadora do Grupo de Pesquisa CASLIDS (UESB). Email: marilia.flores.seixas@gmail.com



INTRODUÇÃO

DO SERTÃO E SEUS SENTIDOS

Definir o sertão é uma tarefa complexa e a própria etimologia da palavra é imprecisa. Remotamente, diversas possibilidades de origem são levantadas para o termo, a exemplo daquela que atribui a uma redução da palavra “desertão”, usada para definir os campos limpos e secos do interior da África Equatorial. Para Geraldo Cunha (1986, p. 718), é provável que o termo tenha sido difundido desde o século XV, designando uma “região agreste, distante das povoações ou das terras cultivadas”. O termo pode ser encontrado em sentido semelhante a este, por exemplo, no Canto X dos *Lusíadas* (estrofe 134)^{†††}, referindo-se a um lugar, um espaço (em terra) distante do mar em que pressupostas aventuras acontecem, com a “gente do sertão”. Segundo Marchezan (2006), a Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira (em seu volume XXVIII) apresenta, no início do século XX, de maneira semelhante à expressa usada por Camões séculos antes, a seguinte definição para a palavra sertão: “terra ou povoado afastado do litoral”.

Assim, seja qual for a etimologia da palavra, o seu uso, desde tempos remotos até os dias correntes, parece definir-se a partir de uma leitura que segmenta o espaço geográfico de forma a opor o litoral (e seus arredores conhecidos) a espaços adentrados mais desconhecidos: o sertão. Tomando-se, contemporaneamente, os sentidos atribuídos pelo dicionário Aurélio ao vocábulo “sertão”, são encontrados dois significados, ambos com sentidos semelhantes àqueles anteriormente comentados: “1 - Lugar inculto, afastado de povoações. 2 - Floresta no interior de um continente, longe da

^{†††} Na estrofe 134 de *Os Lusíadas*, de Camões, nos últimos versos: “A gente do Sertão, que as terras anda / Um rio diz que tem miraculoso / Que, por onde ele só, sem outro, vai / Converte em pedra o pau que nele cai”. Disponível em <http://oslusíadas.org/x/134.html> (Acesso em 30/04/2015).



costa”⁺⁺⁺. A oposição ao litoral estabelece-se, assim, como característica básica associada ao sertão.

No Brasil, tal significado precede a qualquer outro que a este se associe, e assim, a palavra sertão, antes de outros sentidos, estabelece um lugar recuado da linha litorânea, um espaço adentrado e longínquo, uma área indefinida e vaga, de povoação esparsa, um lugar despovoado qualquer que fica no interior. E é somente a partir desde sentido primeiro que outros campos semânticos vão a este se somando, atribuindo-se ao sertão a ideia de uma região semiárida, agreste, seca, com longos períodos de estiagem.

Além da complexidade da possível origem da palavra, ao sertão brasileiro associa-se, simbólica e ambientalmente, o Nordeste, região com suas peculiaridades sociais, culturais, produtivas, históricas e políticas, que compreende diversas porções de terra seca, cercadas por outras áreas de umidade que cobrem o restante do país. Uma peculiaridade apresentada é que os rios que correm pela região árida do interior deságuam no mar, enquanto que, em outras regiões similares existentes no mundo, as águas dos rios correm para as depressões fechadas e lá se acumulam, firmando nichos internos de umidade. No sertão, a maior parte dos rios ressecam e somem nos períodos de estiagem, sendo um contraste com o fluxo dos rios em outras regiões brasileiras (AB'SABER, 2003).

Reiterando Camões, pensar sobre o sertão é falar da “gente do sertão”, e foi por meio das histórias da gente que vive neste lugar que o sertão passou a ser desenhado, pintado, descrito, narrado, cantado e constituído simbolicamente no Brasil, por meio de produções literárias, jornalísticas, pictóricas, fotográficas, cinematográficas ou expressas ainda em outras linguagens, constituindo um modelo canônico, mítico e imagético, a partir do qual certa representação de sertão se tornou recorrente.

Assim, de acordo com o que aponta Marchezan (2006), desde o século XIX, a gente sertaneja e suas histórias passam a ser evocadas, e o sertão passa a ser tematizado, seja de maneira mais desfocada, como no livro “O Sertanejo” (1876), do

⁺⁺⁺ Ver o sentido de “sertão” no Dicionário Aurélio *on line* disponível em <http://www.dicionariodoaurelio.com/sertao> (Acesso em 15/04/2015).



romântico José de Alencar, e no conto “Firmo, o Vaqueiro”, do livro “Sertão” (1896), de Coelho Neto, seja como foco central, no livro “Os Sertões” (1902), de Euclides da Cunha. Aliás, é por intermédio de Euclides que o sertão nordestino tem sua descrição física estabelecida como paisagem quase desértica e árida, uma paisagem natural agreste em que vive e resiste uma gente forte.

Tomando como referência o próprio processo de colonização, são aos povos indígenas que se associam as primeiras pertinências sertanejas, bem como a truculência dos processos históricos de dominação: adentrando-se paulatinamente pelo interior, os conquistadores “desbravaram” os sertões, no enfrentamento dos resistentes grupos indígenas. Talvez venha daí - da ideia do sertão como “terra de índio” - a manutenção recorrente da associação do povo sertanejo a uma submissão crítica aos ditames da natureza.

Esta construção ideológica, que faz com que o destino da gente do sertão seja visto como exclusivamente dependente dos fatores naturais, gerou, ao longo do tempo, uma representação de relativa passividade frente às tragédias impostas pelas dificuldades ambientais. Assim, foram se apresentando às cenas sertanejas diversos atores e personagens que traduziam uma trágica submissão social às intempéries da seca, da fome, retirantes nômades que saíam de seus lugares de origem por completa falta de opção; nordestinos famintos e pobres que eram atraídos para outras regiões onde a sociedade não se encontrava “submetida” aos ditames da natureza. Nestas construções simbólicas, percebe-se certo grau de fatalidade, ligada à ideia de que haveria uma submissão irremediável das pessoas às condições difíceis da natureza no semiárido, mesmo quando eram feitas reflexões sobre os problemas políticos e sociais que fundamentavam estas situações.

Assim, foi sendo construído um repertório de imagens e de representações sobre o sertão, centradas nas dificuldades, na fome, na seca, na tragédia, na injustiça social, na dominação política, nas intempéries decorrentes da seca. Famílias empobrecidas submetidas à seca e à miséria, irremediavelmente condenadas às agruras da natureza.



Como se esta situação não fosse resultado de processos políticos, econômicos e historicamente determinados.

Por outro lado, estabelece-se uma especificidade do relacionamento da gente sertaneja com o seu lugar: no centro de um vasto território agreste, vive um povo que, sendo resistente e - antes de tudo - forte (embrutecido pela vida difícil), resiste de uma maneira própria num meio ambiente peculiar, pela experiência acumulada na lida com as precariedades do sertão, numa vida incrustrada no meio rural, talhada pelas adaptações às dificuldades, sem grandes contatos com o litoral.

E esta gente vai sendo representada simbolicamente em obras que vão alcançando níveis ímpares de possibilidade criativa, sofisticação e beleza, e a recriação do mundo do grande sertão com suas veredas se apresentam em ritmos próprios de linguagem. É o sertão de Guimarães Rosa, repleto de poesia, com seus conflitos políticos e suas histórias existenciais, construindo novo repertório, mas reiterando a dureza da vida no sertão. Oposições de origem e de vivências permeiam então a percepção do sertão por aqueles que dele não fazem parte.

Os ouvidos da civilização diante da expressão do sertão; a cultura na posição modesta de ouvinte ocupado em anotar. Tanto as situações quanto o foco de atração estão invertidos (revertendo o sentido das representações construídas no processo histórico): é a cidade/moderno encantada com o sertão/atrasado (...) (RONCARI, 2006, p. 2).

Assim, historicamente formatada e difundida, uma série de referências sobre o sertão vai se estabelecendo, conduzindo e, ao mesmo tempo, sendo conduzida por diversos discursos e textos em várias linguagens. Se a literatura e outras artes (pintura, cinema, teatro, música, fotografia...) exercem um papel de grande importância na construção destas referências imagéticas, outras instâncias, como a mídia jornalística e a televisão também desempenham papel importante no processo de constituição de um universo representativo referente a este cenário/espço/ lugar.



Os romances de Graciliano Ramos e Jorge Amado, da década de trinta, a poesia de João Cabral de Melo Neto, a pintura de caráter social, da década de quarenta, e o Cinema Novo, do final dos anos cinquenta e início dos anos sessenta, tomarão o Nordeste como o exemplo privilegiado da miséria, da fome, do atraso, do subdesenvolvimento, da alienação do país. Tomando acriticamente o recorte espacial Nordeste, esta produção artística “de esquerda” termina por reforçar uma série de imagens e enunciados ligados à região que emergiram com o discurso da seca, já no final do século passado (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006, p. 192).

A partir das peculiaridade geográficas, são desenhadas imagens do trabalho historicamente submetido a uma estrutura agrária de elite, das mulheres com muitos filhos, em casas isoladas assoladas pelo clima severo... e personagens como cangaceiros, vaqueiros, coronéis, jagunços, beatos, retirantes, romeiros, cegos repentistas ou outras figuras dramáticas ou cômicas vão, assim, preenchendo o imaginário sobre o sertão, mas sobretudo sobre um sertão que se define pela ausência, pela escassez, pelo abandono, onde falta água, comida, dignidade e as demais condições de permanência das pessoas no lugar, a quem só resta o êxodo como saída.

NO SERTÃO, POR OUTROS CAMINHOS

Além da imagem efetiva que se formou, a compreensão sobre o sertão não se resume, contudo, às ausências e às dificuldades, sobretudo a partir de articulações produtivas entre comunidades e agentes sociais voltados para a construção de sociedades mais autônomas.

De fato, as características físicas da região, associadas a constante severidade do clima semiárido e refletidas na histórica tirania política da região, conferem valor e significação simbólica sobre o lugar do sertão que acaba por limitar ou condenar diversas esferas sociais sertanejas, nos baixos ou nenhum investimentos financeiro para o desenvolvimento local, na ausência de políticas públicas consolidadas localmente, num abandono histórico dessas terras e de sua gente, escondidas no interior do país. O que se



fixou na memória e na sociabilidade sobre o sertão ganhou expressão e visibilidade, mas também reforçou a carência social associada à rigidez do clima.

Mais contemporaneamente, agentes sociais e instituições de fomento tem procurado reconstruir os significados sobre o sertão, buscando desenvolver alternativas que possibilitem que a gente do lugar viva mais levemente com as agruras do semiárido, fortalecendo as perspectivas de empoderamento do próprio sertanejo, que passa a enxergar sua terra não como um problema ou como um motivo para afastamentos e êxodos, mas sim como motivação para a permanência, numa ressignificação de valores e de trocas com o espaço, saindo da condição de “vítima do clima e da história” e assumindo o protagonismo de sua vida, em sua localidade.

Assim, se, por um lado o sertão se mostra autenticamente vinculado a sua geografia e ao clima semiárido, por outro, o desenvolvimento de ações vinculadas à produtividade podem significar um diferencial em matéria da representação sobre o sertão. Nesta pesquisa, estas experiências desenvolvidas na região de Veredas dos Cais (Caetité/Bahia) são tomadas como objeto de reflexão, de forma a viabilizar uma análise sobre possíveis alterações das representações locais. Para Iná Elias de Castro, “no imaginário regional, a natureza semi-árida é o sujeito e a sociedade seu objeto, instituindo a perspectiva de uma sociedade vitimizada pelo seu meio” (CASTRO, 2001).

Busca-se, portanto, uma inversão desta lógica, colocando a sociedade como sujeito e a natureza agreste do semiárido como objeto, no avesso do padrão representativo, sobretudo por meio de uma política que valorize o protagonismo social, desejando indicar que, a partir de uma vivência potencializada por tecnologias sociais, o ser humano pode se libertar das amarras naturais que o prendiam a uma condição de vítima, ressignificando-se, emancipando-se de uma condição em que era sujeitado a diversas recusas, por conta de morar em regiões secas, por sertanejo que é.

Um incentivo às formas tradicionais de se viver em tal ambiente, respeitando-se antigas tecnologias e aceitando-se outras novas, vai mudando a perspectiva do olhar do sertanejo sobre si mesmo, reconhecendo-se protagonista vinculado produtivamente



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

com o seu lugar, modificando também a representação do ambiente local, da natureza e de seu espaço comum, de vivência e convivência: o sertão. O geógrafo Ab'Saber, num amplo estudo feito sobre tal paisagem, afirma que, mais do que projetos megalomaniacos, com muito capital público investido e tempo excessivo para finalização, é preciso perceber que a tecnologia para enfrentar os agravos da seca estava iniciada e indicada ali mesmo no sertão, com os agricultores que permaneceram cultivando e vivendo na terra (AB'SABER, 2003). As resoluções precisavam, portanto, partir das soluções construídas pelos agricultores do lugar, pelo compartilhamento deste conhecimento tradicional e empírico sobre o manejo com a terra.

Foi, portanto, com a intenção de rever a situação em que o sertão se encontrava, fosse dentro do cenário do imaginário popular ou das ações políticas nacionais, e de encontrar caminhos possíveis de melhorar a vida neste ambiente, que estudiosos, agricultores, técnicos, entidades sociais e agrícolas se reuniram no anos 1990 e iniciaram um processo de revisão de políticas, estratégias e formas de lidar com o clima e o ambiente em questão. O primeiro passo para que tal reunião surtisse algum efeito efetivo deveria ser a ampla e intensa participação dos agricultores e agricultoras, com suas formas ancestrais de trabalhar e de conviver com a terra, valorizando e compreendendo suas adaptações ao clima e formas de superar as dificuldades. Em 1999 este grupo se consolidou e surgiu a Articulação Semiárido Brasileiro (ASA), com sede em Recife (PE), desenvolvendo, desde então, estudos e técnicas voltados para melhorar a vida das pessoas durante os períodos de estiagem. Tendo como missão fortalecer a sociedade na “construção de processos participativos para o desenvolvimento sustentável e a convivência com o Semiárido, referenciados em valores culturais e de justiça social” (ASA, 2002, p 02), estabelece como um objetivo inicial a instalação de um milhão de cisternas no semiárido brasileiro (o chamado Projeto P1MC).



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

SERTÃO DA CONVIVÊNCIA E DAS TRANSFORMAÇÕES

Em 2015, a partir da análise do boletim “O Candeeiro” - publicação do Programa Uma Terra e Duas Águas, da ASA -, tomando por base as oito edições que foram produzidas sobre famílias de Veredas dos Cais (Caetité/BA), percebe-se que o plano de convivência com o semiárido desenvolvido por este grupo apresenta processos que usam as potencialidades do próprio meio ambiente, com tecnologias adaptadas, inventadas ou recriadas pelos agricultores, avançando com resultados importantes na transformação de cotidianos e de espaços sociais no sertão. O plano de convivência é elaborado a partir das especificidades geográficas sertanejas, numa inversão da lógica social do trabalho historicamente submetido a uma estrutura agrária de elite, procurando valorizar a força de sertanejos e sertanejas para se manterem no sertão, reconhecido como um espaço que traduz, sobretudo, a resistência. São novas possibilidades de reinventar suas relações com a vida e com a terra, para viver em harmonia com o ambiente a sua volta.

A partir das experiências desenvolvidas no município de Caetité (Alto Sertão da Bahia), estes boletins apresentam, em cada edição, a história de uma das famílias que integram pequenas áreas produtivas agroecológicas, localizadas nas comunidades de Quilombo e Veredas dos Cais, em que a terra é cuidada e produz mesmo em épocas de estiagem. A partir de um destes boletins, que focalizava a família Mendes de Jesus, foi desenvolvida uma pesquisa de campo, com visita ao local, cujos dados são aqui utilizados para a percepção desta nova representação do sertão por estes sertanejos em questão. Percebe-se que guardam em suas memórias as imagens de um sertão de sofrimento e seca, mas que nem de longe se parecem com o ambiente que atualmente pode ser visitado, visto e percebido nas terras desta família.

A partir dos relatos depreendidos dos boletins e de pesquisa de campo realizada localmente, observa-se ter havido um aperfeiçoamento dos conhecimentos, uma troca de informações entre agentes sociais e as famílias locais, e uma crescente conquista de



direitos que transformam o significado mítico daquela terra seca, que antes era vista como aquela que “condenava” sua gente a uma vida de sofrimento, para um sentido positivo sobre o sertão, percebido agora como um ambiente fértil, em que é possível viver em quintais produtivos, verdes, cheios de vida.

Conforme resultados da pesquisa, o Sr. Edvaldo Mendes - agricultor, esposo de D. Aparecida Mendes e pai de cinco rapazes - também acreditava que seu solo era infértil, reproduzindo em sua fala representações típicas do sertão e envolvendo âmbitos típicos sobre o semiárido, ao afirmar que antes não esperava que pudesse nascer qualquer planta em terrenos tão batidos, cinzas e cheios de poeira de suas terras, dizendo que achava não ser possível ser feliz na seca. Este pensamento passou a ser problematizado e ampliado a partir do contato com os projetos desenvolvidos pela ASA, que estimulavam a permanência dos agricultores em suas terras, com a implementação de tecnologias relativamente simples que melhorariam e potencializariam a vivência no local, modificando as relações do homem com a natureza, com o próximo e, principalmente, consigo mesmo.

Uma destas tecnologias, baseada no armazenamento da água da chuva, tanto para o consumo humano quanto para a agricultura e a criação animal, foi permitindo que a família Mendes começasse a planejar melhor, informando-se, plantando e produzindo a partir do acondicionamento de água e comida suficientes para passarem as estiagens com mais conforto e segurança, o que aconteceu de maneira semelhante com outras famílias envolvidas nas mesmas ações. Em 2008 foi implantada uma cisterna nas terras da família Mendes, e desde então a produção tem sido constante. O sítio de Edvaldo é bastante peculiar, e a terra antes desacreditada foi sendo transformada em diversos campos de hortaliças, com uma verdadeira farmácia verde a céu aberto, um vasto pomar, casa de sementes, tendo sido criados seus dois filhos a partir de suas produções (agora estudam e são instrutores de escolas agrícolas), tornando-se verdadeiro laboratório sensitivo e experimental agrícola.

É perceptível a força do homem sertanejo em ressignificar seu espaço de vida, modificando as relações com a natureza e agregando valor a tudo que é vivo: “A terra é muito rica, nem imaginava o quanto que podia produzir. Basta cuidar da terra que ela nos retorna, nos dá riquezas. E com água guardada a gente cuida melhor da terra. Estamos bem felizes agora com a nossa produção” (MENDES, 2013).



Figura 1. Cisterna calçada/ Tecnologia recebida pela família Mendes em 2008. Foto: pesquisa de campo.

Figura 2. Campos produzidos pela família Mendes, que antes era seco. Foto: pesquisa de campo.

Numa das visitas à casa do Sr. Edvaldo, foi servido um suco de cor verde claro forte. Pedindo para que alguém adivinhasse de que era feito, ele afirmou que o refresco era completamente orgânico. O sabor era de manga, contudo, era verde. Suco de manga verde? Ele, com prazer, revelou então seus experimentos e suas inovações culinárias, saindo do modelo geral para construir soluções particulares e sertanejas:

Esse suco é de folha de manga, pode ser de pitanga também. Antes de ir conhecer outra propriedade e outros modos de plantar, eu recebi uns agricultores aqui na minha terra, tinha pouca coisa plantada, mais horta e fruta antiga mesmo, mas todo mundo passeou, viu as plantas, levaram mudas. No final a gente se reuniu pra fazer o lanche, eu servi suco daqueles de “pozinho” sabe, que vem nos pacotinhos, tinha de todos os sabores. Aí depois disso comecei a viajar, e ser recebido por outros colegas do campo, que também serviam lanche e café, e fui vendo que era sempre suco da fruta, colhida no local, e muitas vezes receitas do lugar, que a gente só via ali naquele lugar. Então cada vez que voltava pra casa eu queria montar mais parte da horta, trazia mudas novas, diferentes, e o quintal foi crescendo. Suco de pozinho nunca mais, aqui



na minha casa não, abandonamos o suco industrial e fazemos o suco de folha de pitanga ou de manga, a polpa da manga nós guardamos, congelamos. E assim fui aprendendo a lidar com a terra, plantar de tudo que eu e minha família precisamos pra viver, não usamos agrotóxicos, só os defensivos e insumos naturais que eu mesmo faço, gasto muito menos no mercado, só compra coisinha pouca, um sal, uma farinha de trigo. (Sr. Edvaldo Mendes / Entrevista dada durante a pesquisa de campo).

Percebe-se que não foi somente o armazenar água e comida que mudou o cenário no quintal e na vida de Sr. Edvaldo. É perceptível uma afirmação pessoal, demonstrando atitudes e afirmando valores referentes a um pertencimento simbólico sertanejo, que adapta, cria e inova continuamente, além de depoimentos que validam a propriedade das tecnologias sociais implementadas. Os depoimentos e conversas vão alcançando outras dimensões da relação entre sociedade e natureza, afirmando, por exemplo, que pouco adianta aprender a captar água da chuva se continuar a jogar lixo no mato, ou a queimar a terra. Afirma-se uma ampliação da noção de cuidado e de percepção sobre a natureza. Na perspectiva de reconstrução do cenário sertanejo, junto com as cisternas estes agentes sociais possibilitam momentos de formação sobre a gestão da água, sobre o acompanhamento da produção, com oficinas sobre defensivos agrícolas e insumos naturais, além da discussão sobre cidadania, educação contextualizada, gênero, ecologia, problemas ambientais e muitos temas que são próximos dos agricultores, em sua condição de produtores rurais e cidadãos brasileiros.

Algumas dessas tecnologias sociais, implantadas para a melhoria da realidade local, consistem em cisternas, barreiros, barragens, bomba de água, tanques de pedra, casas de sementes e viveiros de mudas, mas estão sempre acompanhadas de cursos e formações, com profissionais específicos e em linguagem acessível aos agricultores. São baseadas nas experiências e vivências de agricultores brasileiros e são adaptadas, melhoradas e difundidas pelo interior, possibilitando a transformação gradual das relações humanas e ambientais. Assim, formações são associadas com intercâmbios de experiências, encontros locais e regionais, montagem de canteiros e outros momentos



de integração entre agricultores e agricultoras, o que resulta possibilitando amplas transformações nas vidas da gente do sertão. Nestes processos, é produzido um conhecimento ampliado sobre o espaço onde vivem, de forma a alterar positivamente seu cotidiano, atribuindo novos significados a antigos instrumentos.

Percebe-se, portanto, que o princípio de busca de soluções ambientais locais tem se revelado pertinente nestas experiências locais aqui analisadas, e uma série de ações conseguem reverter o quadro tipicamente descrito como sertanejo, possibilitando o desenvolvimento de um outro sertão, mesmo em épocas de estiagem.

REFERÊNCIAS

- AB'SABER. Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: Potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- _____. Floram: Nordeste Seco. In: **Estudos Avançados [online]**. 1990, vol.4, n.9. May/Aug.1990 Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141990000200007 Acesso em 27/04/2015
- _____. **Sertão e sertanejos: uma geografia humana sofrida**. Disponível em <http://www.ebah.com.br/content/ABAAAerPUAI/serto-es-sertanejos-aziz-ab-saber> Acesso em 27/04/2015.
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. 3 ed. Recife: Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.
- ARTICULAÇÃO SEMIÁRIDO BRASILEIRO. ASA. **Folder do Programa Uma Terra Duas Águas (P1 + 2)**, 2002.
- CASTRO, Iná Elias de. Natureza, imaginário e a reinvenção do Nordeste. In: **encuentro de geografos de america latina, 8**, 2001, Santiago. Resúmenes... Santiago: Universidad de Chile, 2001. Disponível em <http://www.observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal8/Geografiasocioeconomica/Geografiadelapoblacion/08.pdf> Acesso em 24/04/2015.
- FILHO, Fadel David Antonio. Sobre A palavra "sertão": Origens, significados e usos no brasil (do ponto de vista da ciência geográfica). In: **Ciência Geográfica - Bauru - XV - Vol. XV - (1): Janeiro/Dezembro - 2011**. <http://www.agbbauru.org.br/publicacoes/revista/anoXV_1/AGB_dez2011_artigos_versao_internet/AGB_dez2011_11.pdf> aceso em 27/04/2015



ISSN: 2175-5493

XI COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

14 a 16 de outubro de 2015

GALVÃO, Walnice Nogueira. Metamorfoses do Sertão. In: **Estudos Avançados**, n.18 (52). São Paulo, 2004.

GERALDO CUNHA, Antônio. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. São Paulo: Nova Fronteira, 1986.

NEVES, Erisvaldo Fagundes e MIGUEL< Antonieta (orgs.). **Caminhos do Sertão: Ocupação Territorial, Sistema Viário e Intercâmbios Coloniais dos Sertões da Bahia**. Editora Arcadia, 2007.

MARCHEZAN, Luiz Gonzaga. O sertão no interior da máquina do mundo. In: **Revista UFG**, Ano 8, nº 2, Dezembro de 2006, Goiânia. Disponível em http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006/textos/sertao_maquina.pdf (Acesso em 15/04/2015)

RONCARI, Luiz. Lugar do Sertão. In: **Revista UFG**, Ano 8, nº 2, Dezembro de 2006, Goiânia. Disponível em http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/dezembro2006. (Acesso em 15/04/2015).

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. Regionalismo: a formação do conceito do nordeste. In: **VI Encontro Anual da ANPOCS**, Nova Friburgo, RJ, 1982. In: CARVALHO, Ricardo E. Ismael de. A invenção do Nordeste na obra de Gilberto Freyre e de Celso Furtado. In: **Anais do XII Encontro Regional de História – ANPUH**. Rio de Janeiro, 2006.